

Do quadro da janela entreaberta para a vida, eu olhava a longa estrada, atento à doce vinda, quase certa, de uma formosa, de uma suave fada. E vivia um tesouro a acumular de meiguices, ternuras e carinhos para a mulher que me viria amar, entre sorvos de beijos e de vinhos. Quantas passaram pela minha porta, sem vê-la, aberta assim, sem fechadura, sem ver onde seriam muito amadas, e lá se foram, pela noite morta, suplicando migalhas de ventura em outras portas surdas e trancadas.

* Paulo Gustavo, E lá se foram pela noite morta

Se te procuro, fujo de avistar-te, e se te quero, evito mais querer-te; desejo quase... quase a aborrecer-te, e, se te fujo, estás em toda parte. Distante, corro logo a procurar-te e perco a voz e fico mudo, ao ver-te. Se me lembro de ti, tento esquecer-te, e, se te esqueço, cuido mais amar-te. O pensamento assim partido ao meio, e o coração assim também partido, chamo-te, e fujo, quero-te e receio! Morto pó ti, eu vivo dividido, entre o meu e o teu ser sinto-me alheio, e, sem saber de mim, vivo perdido!

José Bonifácio de Andrade e Silva 1827-1886

A tentação me trouxe até o Viaduto. E aqui estou, afinal, desiludido, alma exânime, o coração vencido, sob o império de um pensamento abrupto. Seduz-me estranha voz ao meu ouvido: – “Vamos, salte! Decida o seu minuto! Amor? Ora, isso um caso já perdido. Ela não chorará, nem porá luto.” Eis que surges, Amada! E me enobrece teu pulcro olhar, como se me dissesse: – “Que fazes, poeta? Que é que estás pensando?” Quanto é o amor mais forte que Satã! E a Tentação se afasta, disfarçando: – “Bem. Eu vou indo, sabe? Até amanhã!”

João Batista Prata 1904-, Suicídio

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 03 – 2011 MARÇO
Assinatura até 31.12.11: 9 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Venid a ver los príncipes del mundo, arios, semitas, chinos, indonesios, nietos de Cam elástico, hindúes, incas de oro, egipcios e gitanos. Venid a ver bailar dos andaluzas – dos sevillanas puras –, sevillanas. Ellas y el baile así se llaman, Justa y Rufina ya bailaban sevillanas,

Gerardo Diego 1896-1987, Sevillanas, Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

* (Euclides Godofredo Ribeiro Mendes Viana 1900-, “Paulo Gustavo”)
Pedro de Alcântara Worms, 232 Poetas paulistas, 1968, Conquista: – www.estantevirtual.com.br

Berço de artistas famosos, o Estado das treze listas é chão de chãos orgulhosos de seus artesãos paulistas! Adélia Victória, 1002, Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP

Seja alegre ou triste, a rima, fale em sonho ou realidade, do fado, a matéria prima é simplesmente a saudade! Ellen de Novais Felix, 1011 Quatro Versos: R. Sta. Marta 70 28633-080 – Nova Friburgo, RJ

Quem tem pai, não se demore. Dê-lhe um abraço – é de graça... No seu Dia – comemore, porque a vida é breve... e passa. Elza Meirelles Cholla, 1102 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia, CE

O gênio nunca se exalta se o vulgo lhe diz asneiras. – As moscas não contaminam o cimo das cordilheiras. F. Luzia Netto, 1102 Trovia, visite: www.falandodetrova.com.br

Não faça do amor desfeito, o teu orgulho e teu canto... Pois o amor, sempre acha um jeito, de transformar, riso em pranto! Prof. Garcia, 0906 Trinos do Pitiguari, R.Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN

Poeta é um iluminado; cantando as mágoas que tem, torna o seu mundo encantado e encanta o nosso também! José Ouverney, 1010: Navegando nas Poesias: Caixa Postal 114566 28001-970 – Agência Campos, RJ

Chegaste, os braços abertos, tranqüila... em tuas andanças, e plantaste em meus desertos mil sementes de esperanças...

Esperança, não me peças que acredite em tuas juras... Já me cansei de promessas e me perdi nas procuras...

Neste mundo passageiro, a vida, que vai fluindo, é um intervalo ligeiro, dois silêncios dividindo...

Nunca vi coisa mais jeca, disse o sapo num lamento: – Por que ver a peregrina só depois do casamento?...

Senhor, escuta os cicios dos excluídos, sem teto... Troca seus ninhos vazios por ninhos cheios de afeto!

Uma verdade patente, que não tem contestação: abrir ESCOLA é semente que fecha muita prisão.

Milton Nunes Loureiro 09.06.1925-31.01.2011, www.falandodetrova.com.br

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.11, enviar até 3 haicus de quigos: Morango, Pau de sebo, Suinã. 
Até o dia 30.04.11, enviar até 3 haicus de quigos: Árvore desnuda, Macaxera, Praia de Inverno.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

Em vez de eliminar o trema, por que não substituir só a letra q pela c?



QUIDAIAS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Bando de jandaíais (coloridas maritacas), um céu de algazaras. Humberto Del Maestro

Um casal aos beijos, suspiros, juras de amor, nuite estrelada. João Batista Serra

Fugiu o sanhaço pois da gaiola escapou e chegou à liberdade... Jorge Picanço Siqueira

Espigas maduras. Ceifadeiras em ação. – E um celeiro rico! Maria Madalena Ferreira

Caniço curvado – luta na água o vulto escuro: robalo no anzol. Maria Reginato Labruciano

Na igreja florida fiéis cantam em louvor, Domingo de Páscoa. Olga dos Santos Bussade

Esconde-se a lua. Sob o sereno poetas cantam ao amor. Walma da Costa Barros



HAICUS E M FOLHA

Na sacada, um grilo deslumbrado com a lua ensurdece a noite. F Amália Marie Gerda

O jornal estampa: “Amanhã, o mundo acaba!” Primeiro de abril! K Angelica Villela Santos

Ouvidos atentos... Vovô contando mentiras – Primeiro de Abril. B Darly O. Barros

Silêncio na noite. Só um som vem do jardim: cri-cri do grilo. E Djaldal Winter Santos

Moça cortjada com um maço de cravos. Rosto corado. K Iracema Gomes

Garota brejeira a todos enganando; primeiro de abril! U Maria App. Picanço Goulart

Garoto encantado vê grilo dando pulinhos e tenta pegar. B Renata Paccola

Na lapela, um cravo iluminado ante o altar aguardando a noiva. F Amália Marie Gerda

Sorrindo orgulhoso, o noivo no altar exhibe cravo na lapela. F Argemira F. Marcondes

Um cravo vermelho envolto por celofane. A moça sorri. F Darly O. Barros

Brincando de enganar, estudantes pela rua. Primeiro de abril. AA Djaldal Winter Santos

A chuva passou. Trilar de grilo. K Iracema Gomes

Cravo na lapela, ele atravessa o salão. Moçoilas suspiram. U Neuza Pommer

Padrinho chegando – festa de casamento – cravo na lapela. U Renata Paccola

Salão perfumado. E na lapela do moço um cravo vermelho. K Analice Feitoza de Lima

A moça se assusta, passa perto do seu pé um cravo saltando. K Argemira F. Marcondes

Grilo na varanda. Fundo musical bem-vindo para o meu haicai. U Darly O. Barros

Natal sem fome, fartura em todas as mesas. Primeiro de Abril. F Flávio Ferreira da Silva

A moça recebe cravos e um envelope. Gorjeta e sorrisos. K Manoel F. Menendez

Leio o telegrama: “Prêmio na Loteria!” Primeiro de Abril... U Neuza Pommer

Solidão noturna. No casarão colonial o grilo cricrila. B Roberto Resende Vilela

Primeiro de abril. Mentiras de boca em boca entre os estudantes. K Analice Feitoza de Lima

Dia da mentira, a brincadeira é geral. Primeiro de abril. K Argemira F. Marcondes

Intenso vermelho no jardim oriental; canteiro de cravos. A Denise Cataldi

Som estridente em meio à vegetação. Grilo oculo. K Flávio Ferreira da Silva

Encontro do autor do cri-cri incessante. Grilo esmagado. AA Manoel F. Menendez

Na escuridão, sons que não cessam... Grilos! Grilos! 34 Neuza Pommer

Concerto de inverno. Música clássica. Fraque. Cravo na lapela. K Roberto Resende Vilela

Não erra o homem descrente quando imita São Tomé pois, a dúvida é latente no corolário da fé.

A fé e a perseverança, com trabalho honesto e duro, fazem da tênue esperança a certeza do futuro.

Sábio, a custa de um saber que custou-lhe o dia a dia, já nem sabe o que fazer com tanta sabedoria...

Perdeu-se quando menina, longe da escola e do lar. Viveu do que a vida ensina, mas, tentando se encontrar...

Esse desejo mais forte nem Freud o definiria; é a paixão, que, alem da morte, sobrevive – na poesia.

Eu vivo a vida sem medo, que aposentar é uma boa: quanto mais acordo cedo, tanto mais eu fico à toa!

Trovas do Ano 2005, de Newton Meyer

Teus olhos da cor da aurora de uma doçura sem fim... (Ai! mesmo Nossa Senhora não era bonita assim!)

Explana o verso com luxo da minha pena em cascata, como o esguicho de um repuxo numa piscina de prata.

Que minha estrofe em arpejos jorre sonora da pena, envolta em pompas de beijos dos lábios de uma morena.

Teu olhar tendo por cima do verso, como um sombreiro, procuro engastar na rima todo o rubi de um joalheiro.

Cheio de amor e de graça vejo-te em tudo o que vejo... Hei de beber numa taça o vinho bom do teu beijo.

Eis armada a minha tenda onde há de pousar a rima: por baixo um metro de renda, teus olhos negros por cima.

Antonio de Godói Moreira e Costa 1874-1905, Trovas: 232 Poetas paulistas, Pedro de Alcântara Worms, 1968, Conquista. – www.estantevirtual.com.br

Sou um homem intranquilo, nervoso, muito nervoso; mas não sou louco, como dizem os médicos que estiveram me observando. Anali-sei tudo, aprofundi tudo e vivo intranquilo. Por quê? Ainda não o pude descobrir.

Já faz tempo que durmo bastante. Durmo e não tenho sonhos; pelo menos, quando desperto, não me recordei de sonhei. Mas devo sonhar; não compreendo porque me parece que devo sonhar. A não ser que esteja sonhando agora, enquanto falo; mas durmo bastante – uma prova cabal que não estou maluco.

Minha medula está sempre vibrando, e os olhos do meu espírito não fazem mais que contemplar uma coisa desconhecida, uma coisa cinzenta que se agita ritmicamente ao compasso das pulsações das artérias do meu cérebro.

Mas meu cérebro não pensa e, não obstante, está sempre sob tensão; poderia pensar, mas não pensa... Ah, você sorri, duvida da minha palavra? Pois bem, você adivinhou. Há um espírito que vibra dentro da minha alma. Vou lhe contar:

É bela a infância, não é verdade? para mim é a fase mais formosa da existência. Quando criança, eu tinha um amigo. Chamava-se Ramón Hudson, era filho de pai inglês e mãe espanhola.

Conheci-o no Liceu. Era um bom menino; sim certamente era um bom menino, muito dócil e amável. Eu era arreado e agreste.

A despeito dessas diferenças, chegamos a fazer amizade e andávamos sempre juntos. Ele era um bom aluno; eu, rebelde e negligente. Mas como Ramón sempre foi boa pessoa, não achou inconveniente em levar-me à sua casa para ver sua coleção de selos e brincarmos juntos.

A casa de Ramón era muito grande e ficava

junto à praça das Barcas, numa ruazinha estreita, perto de um velho casarão onde se cometeu um crime, do qual muito se falou em Valência. A casa era triste, muito triste, tão triste quanto pode ser uma casa, e tinha na parte traseira um quintal muito grande, com os muros cobertos de trepadeiras de flores vermelhas e brancas.

Eu e meu amigo brincávamos no jardim, no quintal e sob um amplo telheiro coberto de ladrilhos, rodeado de enormes vasos de piteiras.

Um dia tivemos a idéia de fazer uma expedição pelos telhados e aproximar-nos da casa do crime, que nos atraía com seu mistério. Quando voltamos à sótéia, uma empregada avisou-nos que a mãe de Ramón estava chamando. Desce-mos do sótão e fizeram-nos entrar numa sala grande e triste. Junto a uma sacada, estavam sentadas a mãe e a irmã do meu amigo. A mãe lia; a filha bordava. Não sei por que, elas me causaram medo.

A mãe, com voz severa, repreendeu-nos pela escapada e logo começou a dirigir-me um sem-número de perguntas sobre minha família e meus estudos. Enquanto a mãe falava, a filha sorria; mas de maneira estranha, tão estranha...

– É preciso estudar – disse a mãe, em forma de conclusão.

Deixamos o aposento. Fui para casa e, durante toda a tarde e toda a noite, não fiz mais do que pensar nas duas mulheres.

Desde aquele dia esquivei-me como pude de ir à casa de Ramón. Certa vez avistei sua mãe e sua irmã que saíam de uma igreja, ambas de preto. Olharam-me e senti frio, como se seus olhares fossem um jato de gelo.

Quando concluímos o curso, eu já não via Ramón. Sentia-me tranquilo. Mas um dia mandaram-me avisar de sua casa que o meu amigo estava doente. Fui e encontrei-o de cama,

chorando. Em voz baixa, contou-me que odiava a irmã. Esta, entretanto, que se chamava Ángela, cuidava-o com desvelo e atendia-o com carinho. Tinha porém um sorriso estranho, tão estranho...

De uma feita, ao agarrar meu amigo pelo braço, vi que o seu rosto se crispava de dor.

Que tem? – perguntei. – E ele mostrou-me uma enorme mancha vermelha, que rodeava seu braço como um anel. Depois, em voz baixa, murmurou:

– Foi minha irmã.

– Ah! Ela...

– Não sabe a força que tem. Quebra um copo de cristal entre os dedos e faz uma coisa ainda mais terrível: move um objeto qualquer de um lado para outro, sem tocar nele.

Dias depois me contou, trêmulo de terror, que às doze da noite, havia já uma semana, a campainha da escada tocava. Abria-se a porta e não se via ninguém.

Ramón e eu fizemos um grande número de experiências. Postávamo-nos junto à porta... tocavam... abríamos... ninguém. Deixamos a porta entreaberta, para poder logo abri-la... chamavam... ninguém.

Por fim retiramos o cordão da campainha. E a campainha tocou, tocou... Olhamo-nos e estremecemos de terror.

– É minha irmã, minha irmã – disse Ramón. E convencidos disto procuramos amuletos por toda parte, pusemos em seu quarto uma ferradura, um pentágono e várias inscrições triangulares com a palavra *Abracadabra*.

Inútil, tudo inútil; as coisas saltavam dos seus lugares, sombras sem contornos e sem rosto desenhavam-se nas paredes.

Ramón definhava e, para distraí-lo, sua mãe comprou-lhe um aparelho fotográfico. Todos os

dias fomos passear juntos e o levávamos em nossas expedições.

Um dia a mãe desejou que eu fotografasse os três formando um grupo, para mandar a fotografia aos seus parentes na Inglaterra. Ramón e eu armamos um toldo de lona no sótão, embaixo do qual colocaram-se a mãe e seus dois filhos. Fiquei a objetiva e, prevenindo um mau resultado, bati duas chapas. Em seguida Ramón e eu fomos revelá-las. Tinham saído bem; mas sobre a cabeça da irmã do meu amigo via-se uma curiosa mancha escura.

Deixamos secar os negativos e, no dia seguinte, colocamo-los ao sol, numa prensa, para tirar os positivos.

Ángela, a irmã de Ramón, viera conosco ao sótão. Ao olhar a primeira prova, Ramón e eu nós contemplamos sem dizer uma palavra. Acima da cabeça de Ángela via-se uma sombra branca de mulher, com feições parecidas às suas. Na segunda prova surgia a mesma sombra, mas em atitude diversa, inclinando-se sobre Ángela, como se lhe falasse ao ouvido.

Nosso terror foi tão grande, que Ramón e eu permanecemos mudos, paralisados. Ángela olhou a fotografia e sorriu, sorriu. Isto era o mais grave.

Abandonei o sótão, descí as escadas da casa tropeçando, caindo e, ao chegar à rua, pus-me a correr, perseguido pelo sorriso de Ángela. Entrando em minha casa, ao passar por um espelho, vi refletida nele a sua imagem, sorrindo, sorrindo sempre...

Quem disse que estou louco? Mentira! Porque os loucos não dormem e eu durmo... Ah! Pensa você que eu ignorava isso? Os loucos não dormem e eu durmo. Desde que nasci, ainda não despertei.

O H O M E M T Í M I D O

Emilia Pardo Bazán, Maravilhas do Conto Espanhol, Seleção de Ángel Eugénio Echegaray, 2ª Edição; Editora Cultrix Ltda. – www.estantevirtual.com.br

É tímido, você que me lê? A timidez é um dos martírios mais ridículos. Ela nos põe na berlinda e nos amarra a um pelourinho. É uma corda que nos aperta a garganta, uma pedra ao pescoço, uma camisa de chumbo aos ombros, uma cadeia sobre os pulsos e grilhões aos pés. O pior gênero de timidez não é o que procede da modéstia, ou do receio de insuficiência das facultades. Há outro mais terrível: a timidez por excesso de emoção; a timidez do namorado diante da mulher amada, do fanático ante o seu ídolo.

A história que vou narrar não foi inventada. É um caso realmente acontecido.

Trata-se de um namorado, cuja paixão deixou longe a dos grandes apaixonados da história e da lenda. Jamais pessoa alguma amou com mais intensa veemência. Mas não inveje nunca essa classe de loucos. Pelo muito que amaram eles, merecem nosso perdão e complacência; invejáveis seria não conhecer a vida. São mais infelizes do que os que pedem esmola; mais desgraçados do que os condenados nos seus cárceres, a contarem as horas de uma vida horrível. São desventurados que têm a alma desolada e sofrem a cada movimento... Dupla será a infelicidade, se acompanhada pela timidez. E a timidez, em vários casos, cura-se com a confiança. Não há timidez crônica e invencível; há maridos que levam vinte anos de união conjugal e não se acostumam a proceder com desembaraço ante suas mulheres; e há mulheres que, convivendo com um homem na maior intimidade, dele não se aproximam sem temor. Contudo, esse fenômeno geralmente se manifesta durante o período em que o amor é mais intenso.

É o caso de Agustín Oriol, perdidamente escravo da lindíssima e encantadora viúva de Dolfuss.

Dizem que é mais fácil conquistar uma viúva do que uma solteira; mas nessas questões complicadas, opino que não pode haver regras nem axiomas. Cada pessoa é diferente – seja

pelo seu caráter, ou mesmo pelo excesso de sua paixão.

Agustín sentia, ao aproximar-se da viúva, todos os sintomas da timidez enfermiosa e, conquanto sozinho preparasse abrasadoras discursos, admiravelmente urdidos e persuasivos, o certo é que, em presença de sua deusa, não conseguia desprezar os lábios. Sua garganta não articulava sons; o cérebro não coordenava idéias... Todos reconhecerão que esse estado nada tem de agradável e que Agustín estava longe de ser um homem feliz.

Apelava inutilmente para a sua razão, no sentido de vencer aquela timidez estúpida. Ela lhe dizia que ele, Agustín Oriol de Leopardo, cavalheiro de quatro costados, jovem, rico, com inteligência e aptidões para abrir o próprio caminho, era um excelente candidato à mão de qualquer mulher por mais bonita e preciosa que fosse. Por que a viúva não haveria de querê-lo? Por quê? Ora essa! Por quê?

Ele devia aproximar-se dela ufano, arrogante, seguro de sua vitória.

Era isso o que lhe dizia a inteligência.

E todas as noites, ao recolher-se, fazia os seus planos... mas no dia seguinte procedia exatamente como no anterior.

Irritava-se a si mesmo; tratava-se de palerma, de nésquio, mas... não podia vencer.

Não podia porque não podia.

De maneira que, ao cabo de um ano, essa paixão tão intensa começou a causar-lhe transtornos cardíacos, violentos até a síncope, e Agustín não se animava a dirigir uma só palavra à idolatrada viúva. Ia a todas as partes onde podia encontrá-la, passava muitas vezes debaixo da sua sacada, ia a Mar Del Plata no mesmo dia e no mesmo tempo que ela, e ainda ignoraria o timbre de sua voz, se não se pusesse ansioso a ouvir as conversações que ela sustentava com outras pessoas.

Finalmente, um dia – precisamente em Mar Del Plata – a ocasião de romper-se o gelo se

apresentou. Foi no terraço do Cassino, na hora em que a multidão elegantemente ataviada respira o ar puro e ouve ou, para dizer melhor, não ouve a música, mas as infundas palestras que fazem um rumor mais suave e mais monótono do que o de uma colméia.

Agustín estava muito próximo de sua amada; devorava com os olhos o seu perfil esbelto e gracioso. Ela o observava de esguealha e, vendo-o tão perto, sentiu impulsos de lhe dirigir a palavra. Não era correto, não era sério, não era próprio de uma senhora... Bem! Mas acima das fórmulas sociais, pairam as circunstâncias e há irregularidades que toda a gente comete, quando impulsionada por um forte estímulo. A viúvina não podia deixar de ter notado aquela adoração profunda, contínua, que a rodeava, como um corpo astral o corpo visível, e sentia uma invencível, feminil, ardorosa curiosidade, e a ânsia de saber o que diria aquele adorador mudo, que a bebia e a respirava em tudo. E, resoluta, com sorridente afabilidade e um alarde infantil que dissimulava o aturdido procedimento, exclamou:

– Que noite linda! Não a acha deliciosa?

Agustín sentiu-se como se sinos lhe bimbalsassem dentro do crânio. Não sabia se era a morte ou a glória. O sangue fluíu-lhe caudaloso nas veias, os ouvidos zoavam... e com a língua gaguejante, a voz impossível de reconhecer, o acento rouco, balbuciante, resmungou absurdo;

– Sim... senhor... Sim... senhor...

Foi como se outro indivíduo falasse... Um indivíduo bronco ou truanesco dentro do Agustín, ria-se mordazmente, sardonicamente, da resposta extravagante e idiota... Acabava de chamar “senhor” à única mulher que para ele existia no mundo! Nada mais lhe ocorreria senão aquela ineptícia! E agora, com a língua seca e o coração inundado de calor, com todo o corpo em fogo, que lhe havia de ocorrer para salvar a situação? A terra dava voltas, o solo vacilava e fugia aos pés do pobre diabo. Exalou por fim

um gemido surdo, levou as mãos à cabeça em desespero e, levantando-se, cambaleando, fugiu como um criminoso, sem olhar para trás...

Aquela noite pensou várias vezes num suicídio.

Na manhã seguinte, sentiu-se ainda mais infeliz. Não tinha ânimo para apresentar-se novamente ante aquela mulher que devia desprezá-lo. Partiu para a França no primeiro trem. Esteve ausente muitos anos e durante todo esse tempo não teve notícia da sua adorada. Um dia, leu num jornal o seu casamento. A notícia lhe causou grande tristeza.

Depois foi lentamente esquecendo...

Passaram-se vinte anos. Os cabelos brancos começaram a pintalgar a cabeça de Agustín, quando numa de suas viagens entraram no mesmo carro uma senhora e duas senhorinhas.

Agustín reconheceu-a; estava certo de que era ela. Mudada, muito envelhecida... mas era ela.

Teria sido, também, reconhecido? Não sabia. O certo é que travou conversa com elas e não havendo agora o estorvo de um amor tão insensato, Agustín falou com desembaraço, e as horas passaram insensivelmente. A viajante contou da sua mocidade e murmurou confidencialmente:

– De quantas homenagens me tributaram, a que mais me comoveu, a que mais agradecei, porque era a mais sincera, foi a de um jovem que me seguia como se fosse a minha sombra e que me respondendo quando lhe dirigia a palavra pela primeira vez, disse – “Sim, senhor”. Compreende? Era tal a emoção, o aturdimento, que não acertou dizer mais nada. Os protestos de amor mais entusiastas não podem lisonjear tanto a alma feminina como uma perturbação dessas, que só pode ser interpretada como sinal de paixão verdadeira...

– Quer dizer que a senhora não riu daquele rapaz? – perguntou Agustín.

– Pelo contrário... – respondeu a senhora num tom em que parecia bailar uma lágrima.